

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

NOVEMBRO DE 1869

Nº 11

A Vida Futura

(*OBRAS PÓSTUMAS*)

A vida futura já deixou de ser um problema. É um fato apurado pela razão e pela demonstração para a quase totalidade dos homens, porquanto os que a negam formam ínfima minoria, sem embargo do ruído que tentam fazer. Não é, pois, a sua realidade o que nos propomos demonstrar aqui. Fora repetir-nos, sem acrescentarmos coisa alguma à convicção geral. Admitido que está o princípio, como primícias, o a que nos propomos é examinar-lhe a influência sobre a ordem social e a moralização, segundo a maneira por que é encarada.

As conseqüências do princípio contrário, isto é, do “nadismo”, já são por demais conhecidas e bastante compreendidas, para que se torne necessário desenvolvê-las de novo. Apenas diremos que, se estivesse demonstrada a inexistência da vida futura, nenhum outro fim teria a vida presente, senão o da manutenção de um corpo que, amanhã, dentro de uma hora, poderá deixar de existir, ficando tudo, nesse caso, inteiramente acabado. A conseqüência lógica de semelhante condição para a

Humanidade seria concentrarem-se todos os pensamentos na incrementação dos gozos materiais, sem atenção aos prejuízos de outrem. Por que, então, haveria alguém de suportar privações, de impor-se sacrifícios? Por que haveria de constranger-se para se melhorar, para se corrigir de defeitos? Seria também a absoluta inutilidade do remorso, do arrependimento, uma vez que nada se deveria esperar. Seria, afinal, a consagração do egoísmo e da máxima: *O mundo pertence aos mais fortes e aos mais espertos*. Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração. Uma sociedade fundada em tal crença só teria por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução.

Não se objete que, entre os negadores da vida futura, há pessoas honestas, incapazes de cientemente causar dano a quem quer que seja e susceptíveis dos maiores devotamentos. Digamos, antes de tudo, que, entre muitos incrédulos, a negação do porvir é mais fanfarronada, jactância, orgulho de passarem por espíritos fortes, do que resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de suas consciências, há uma dúvida a importuná-los, pelo que procuram eles atordoar-se. Não é, porém, sem dissimulação que pronunciam o terrível *nada*, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e despedaça para sempre as mais caras afeições. Muito dos que mais forte deblateram são os primeiros a tremer ante a idéia do desconhecido; por isso mesmo, quando se lhes aproxima o momento fatal de entrarem nesse desconhecido, bem poucos são os que adormecem, no derradeiro sono, na firme persuasão de que não despertarão algures, visto que a Natureza jamais abdica dos seus direitos.

Afirmamos, pois, que, na maioria dos incrédulos, a incredulidade é muito relativa, isto é, que, não lhes estando satisfeita a razão, nem com os dogmas, nem com as crenças

religiosas, e nada tendo encontrado, em parte alguma, com que enchessem o vazio que se lhes fizera no íntimo, eles concluíram que nada há e edificaram sistemas com que justificassem a negação. Não são, conseqüentemente, incrédulos, senão por falta de coisa melhor. Os absolutamente incrédulos são raríssimos, se é que existem.

Uma latente e inconsciente intuição do futuro é, portanto, capaz de deter grande número deles no declive do mal e uma imensidade de atos se poderiam citar, mesmo da parte dos mais endurecidos, testificantes da existência desse sentimento secreto que os domina, a seu mau grado.

Cumprе também dizer que, seja qual for o grau da incredulidade, o respeito humano é o que torna reservadas as pessoas de certa condição social. A posição que ocupam os obriga a uma linha de proceder muito discreta; temem acima de tudo a desconsideração e o desdém que, fazendo-os perder, por decaírem da categoria em que se encontram, as atenções do mundo, os privariam dos gozos de que desfrutam; se carecem de um fundo de virtudes, pelo menos têm destas o verniz. Mas, aos que nenhuma razão se apresenta para se preocuparem com a opinião dos outros, aos que zombam do “que dirão”, e não há contestar que esses formam a maioria, que freio se pode impor ao transbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base assentar a teoria do bem e do mal, a necessidade de eles reformarem seus maus pendores, o dever de respeitarem o que pertence aos outros, quando eles próprios nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honradez, para criaturas a quem se haja persuadido de que não passam de simples animais? A lei, respondem, aí está para contê-los; mas, a lei não é um código de moral que toque o coração; é uma força cuja ação eles suportam e que iludem, se o podem. Se lhe caem sob o guante, isso é por eles tido como resultado de má sorte ou de inabilidade, a que tratam de remediar na primeira ocasião.

Os que pretendem que os incrédulos têm mais mérito em fazer o bem, por não esperarem nenhuma recompensa na vida futura, em que não crêem, se valem de um sofisma igualmente mal fundado. Também os crentes dizem que é pouco meritório o bem praticado com vistas em vantagens que possam colher. Vão mesmo mais longe, porquanto se acham persuadidos de que o mérito pode ser completamente anulado, tal o móvel que determine a ação. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas obras, porque a ventura que elas proporcionam está, antes de tudo, subordinada ao grau de adiantamento moral do indivíduo. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos se contam entre os menos aquinhoados. Mas, os incrédulos que praticam o bem são tão desinteressados como o pretendem? Será que, nada esperando do outro mundo, também deste nada esperem? O amor-próprio não tem no caso a sua parte? Serão eles insensíveis aos aplausos dos homens? Se tal acontecesse, estariam num grau de perfeição rara e não cremos que haja muitos que a tanto sejam induzidos unicamente pelo culto da matéria.

Objeção mais séria é esta: Se a crença na vida futura é um elemento moralizador, como é que aqueles a quem se prega isso desde que vêm ao mundo são igualmente tão maus?

Primeiramente, quem nos diz que sem isso não seriam piores? Não há duvidar, desde que se considerem os resultados inevitáveis da popularização do “nadismo”. Não se comprova, ao contrário, observando-se as diferentes graduações da Humanidade, desde a selvajaria até a civilização, que o progresso intelectual e moral vai à frente, produzindo o abrandamento dos costumes e uma concepção mais racional da vida futura? Essa concepção, no entanto, por muito imperfeita, ainda não pode exercer a influência que necessariamente terá, à medida que for mais bem compreendida e que se adquiram noções mais exatas sobre o futuro que nos está reservado.

Por muito sólida que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa com a sua alma, senão de um ponto de vista místico. A vida futura, definida com extrema falta de clareza, só muito vagamente o impressiona; não passa de um objetivo que se perde muito ao longe e não um meio, porque a sorte lhe está irrevogavelmente assinada e em parte alguma lha apresentam como progressiva, donde se conclui que aquilo que formos, ao sair daqui, sê-lo-emos por toda a eternidade. Aliás, o quadro que traçam da vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da desventura que lá se experimentam, longe estão, sobretudo num século de exame, como o nosso, de satisfazer completamente à razão. Acresce que ela não se prende muito diretamente à vida terrestre, nenhuma solidariedade havendo entre as duas, mas, antes, um abismo, de maneira que aquele que se preocupa principalmente com uma das duas quase sempre perde a outra de vista.

Sob o império da fé cega, essa crença abstrata bastara às inspirações dos homens que, então, se deixavam conduzir. Hoje, porém, sob o reinado do livre-exame, eles querem conduzir-se por si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. Aquelas vagas noções da vida futura já não estão à altura das novas idéias e já não correspondem às necessidades que o progresso criou. Com o desenvolvimento das idéias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário em a Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação. O movimento para a frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que quer que fique para trás, abaixo do nível social, é posto de lado, como vestuário que se tornou imprestável e, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma.

O mesmo acontece com as idéias pueris sobre a vida futura, com que os nossos pais se contentavam; persistir hoje em impô-las seria propagar a incredulidade. Para que a opinião geral a aceite e para que ela exerça sua ação moralizadora, a vida futura tem que ser apresentada sob o aspecto de coisa positiva, de certo modo

tangível e capaz de suportar qualquer exame, satisfazendo à razão, sem nada deixar na sombra. No momento em que a precariedade das noções sobre o porvir abria a porta à dúvida e à incredulidade, novos meios de investigação foram conferidos ao homem, para penetrar esse mistério e fazer-lhe compreender a vida futura na sua realidade, em seu positivismo, nas suas relações íntimas com a vida corpórea.

Por que, em geral, se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma atualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Tendo cada um de nós de partir por sua vez e podendo a hora da partida soar de um momento para outro, parece natural que todos se preocupem com o que sucederá. Por que não se dá isso? Precisamente porque é desconhecido o destino e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Está ele perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias de antanho nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: “Será o que for.” Indiferença.

Ensinam-nos que seremos felizes ou infelizes, conforme houvermos vivido bem ou mal. Mas, isso é tão vago! Em que consistem essa felicidade e essa infelicidade? O quadro que de uma e outra nos traçam tão em desacordo está com a idéia que fazemos da justiça de Deus, tão cheio de contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente a dúvida se apresenta, se não a incredulidade absoluta. Ao demais, pondera-se que os que se enganaram com relação aos lugares indicados para moradas futuras também podem ter sido induzidos em erro, quanto às condições que estatuem para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nesse outro mundo? Seremos seres concretos ou abstratos? Teremos uma forma ou uma aparência? Se nada de material tivermos, como poderemos experimentar sofrimentos materiais? Se os ditosos nada

tiverem que fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa, será um suplício, a menos que se admita o Nirvana do budismo, que não é mais desejável do que aquela ociosidade.

O homem não se preocupará com a vida futura, senão quando vir nela um fim claro e positivamente definido, uma situação lógica, em correspondência com todas as suas aspirações, que resolva todas as dificuldades do presente e em que não se lhe depare coisa alguma que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o dia seguinte, é porque a vida do dia seguinte se liga intimamente à vida do dia anterior; uma e outra são solidárias; ele sabe que do que fizer hoje depende a sua posição amanhã e que do que fizer amanhã dependerá a sua posição no dia imediato e assim por diante.

Tal tem de ser para ele a vida futura, quando esta não mais se achar perdida nas nebulosidades da abstração e for uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, *uma das fases* da vida geral, como os dias são fases da vida corporal. Quando vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a *reação do futuro sobre o presente*; quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade, como o ontem, o hoje e o amanhã na vida atual, oh! então suas idéias mudarão completamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não é um efeito distante, mas atual. Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma consequência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade.

Tal o ponto de vista donde o Espiritismo nos faz considerar a vida futura.

Sociedade Anônima do Espiritismo

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* dos meses de agosto e setembro de 1869)

BREVES EXPLICAÇÕES

Lamentamos que em razão de um mal-entendido inconcebível ante a clareza das explicações dadas na *Revista*, algumas pessoas, aliás uma minoria em relação à generalidade dos espíritas, confundissem e considerassem como uma só e mesma coisa a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e a Sociedade Anônima do Espiritismo.

Como alguns dos nossos correspondentes nos pediram que os esclarecêssemos a respeito, apressamo-nos em satisfazer ao seu legítimo desejo e comunicar-lhes as reflexões seguintes, visando a definir a situação satisfatoriamente.

Como todas as sociedades espíritas, a *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, que não existe senão em virtude de uma simples autorização, ocupa-se pura e simplesmente, conforme o seu regulamento, de estudos psicológicos e morais. Persegue, por meios idênticos, o mesmo objetivo que as Sociedades de Lyon, Marselha, Toulouse, Bordeaux, etc. Numa palavra, ela se consagra unicamente ao estudo dos ensinamentos que são o objeto de seus trabalhos; adquire novos conhecimentos pelas comunicações que recebe dos Espíritos através dos médiuns, pelo exame sério que fazem seus membros cooperadores das questões da ordem do dia, e vulgariza a Doutrina pela admissão de ouvintes às suas reuniões. Sendo absoluto o seu desinteresse, seria um contra-senso acusá-la de exploração.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é uma organização essencialmente distinta. Enquanto a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas é puramente local, ou, pelo menos,

se restringe a algumas correspondências limitadas à província e ao estrangeiro, a Sociedade Anônima do Espiritismo vem a ser, através da *Revista Espírita*, um órgão de centralização quase universal. É uma sociedade comercial, é verdade, mas não há pessoa de boa-fé que, depois de analisar a sua constituição, não se convença de que o mais absoluto desinteresse e o mais completo devotamento presidiram à sua fundação.

Quando ainda se achava neste mundo, o Sr. Allan Kardec foi o primeiro⁴⁵ a reconhecer, juntamente com alguns espíritas esclarecidos, que as condições da livraria ordinária tornavam impossível a vulgarização do Espiritismo nas massas por meio das obras que, em nossa opinião, ainda são os melhores agentes de propagação. Mas, para tirar as obras dos editores, para reuni-las numa única mão e chegar a fazer, num futuro mais ou menos distante, edições populares, seriam necessários, antes de tudo, capitais que uma pessoa isolada não poderia fornecer e uma organização que fizesse obras fundamentais, não mais uma propriedade particular, mas propriedade do Espiritismo em geral. É para chegar a esse resultado que a Sociedade Anônima foi fundada, e também para assegurar ao Espiritismo uma existência legal, inabalável, e recursos para o futuro.

Haveria, na verdade, má-fé e má vontade em ver nesse empreendimento tão pouco comercial quanto possível, outra coisa além de um meio de concentração e de difusão mais poderosa, além de um local destinado a reunir em feixes e a utilizar os esforços de todos os espíritas, esforços muitas vezes improfícuos, em razão do próprio isolamento da maior parte dos elementos ativos.

A Sociedade Anônima tem por objeto operações comerciais; é constituída sem fins lucrativos e pode receber

45 Vide a *Revista* de dezembro de 1868 e abril de 1869; os preliminares do catálogo da Livraria Espírita, etc.

donativos destinados a alimentar uma parte do fundo de reserva. Mas, qual será o emprego dos recursos que poderão resultar dos benefícios capitalizados? Qual o seu objetivo e o de todos os que, compreendendo suas verdadeiras intenções, empenham-se em sustentá-la com o seu apoio moral e o seu concurso material? Basta tomar conhecimento de seus estatutos para dar-se conta.⁴⁶

Longe de buscar o lucro, um ganho de que se beneficiassem os seus membros, ela pretende consagrar-se puramente e unicamente à vulgarização dos nossos ensinamentos por todos os meios legais, mediante os recursos que lhe chegarem, sejam quais forem. Quem poderia suspeitar de tais disposições e aí ver tendências à exploração?!...

A Sociedade tem administradores, empregados remunerados, pois, certamente, não acudirá a ninguém a idéia de que se possa consagrar seu tempo e suas faculdades a um trabalho qualquer sem direito a esperar uma justa remuneração.

Como, antes de tudo, desejamos que a luz se faça e que a verdade seja conhecida, julgamos um dever comunicar a todos essas poucas reflexões.

A Sociedade Anônima do Espiritismo é, pois, uma coisa essencialmente distinta da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tanto por sua organização, quanto pelos seus meios de ação; mas se as duas sociedades marcham com o mesmo objetivo por meios diferentes, é perfeitamente evidente que excelentes resultados para o Espiritismo em geral serão a consequência de um entendimento cordial e de relações benévolas entre elas. Ora, essa boa harmonia, que deve existir entre todos os que desejam concorrer para o progresso do espírito humano, jamais foi

46 Vide a *Revista* de setembro de 1869 e os estatutos da Sociedade Anônima do Espiritismo, brochura in-12, preço: 1 fr.; Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris.

perturbada. As boas relações que existiam entre a *Revista Espírita* e a Sociedade Parisiense, anteriormente à criação da Sociedade Anônima, não deixaram de existir depois que a última foi fundada. A Sociedade Anônima, como o fazia o redator da *Revista*, julga um dever entregar à Sociedade de Paris os documentos que possam interessar aos seus trabalhos, recebendo, com a mais viva satisfação, as comunicações, estudos morais, documentos da Sociedade de Paris que lhe pareçam dever interessar ao Espiritismo em geral, e que ela insere em tempo hábil em sua *Revista*, a fim de os levar ao conhecimento de todos.

Há, entre nós, alguns dissidentes, alguns descontentes? Ignoramo-lo e não queremos saber, porque somos de opinião que o interesse particular deve apagar-se diante do interesse geral e que, ante o objetivo a que se propõe o Espiritismo, as animosidades individuais devem ceder lugar às questões de princípios. Os homens são falíveis e podem enganar-se, mas quando concorrem para o grande movimento regenerador, pensamos que os espíritas não haverão de preocupar-se senão do bem comum, da *caridade*, da *fraternidade* e da *tolerância*, que devem presidir a todos os trabalhos de uma filosofia que tem por divisa: “*Fora da caridade não há salvação.*”

Soubemos, igualmente, que alguns dos nossos correspondentes se queixam da tibieza da *Revista* em reproduzir as instruções emanadas de grupos e de centros, mesmo os de certa importância para o Espiritismo. Não tememos confessar que, se agimos assim, foi porque, desejando antes de tudo permanecer na via do mestre, deveríamos, para não censurar diretamente os ataques que não podíamos sancionar, nos limitar a protestar pelo silêncio contra uma maneira de agir que, se adotada na sua generalidade, poderia atirar o Espiritismo fora da direção traçada pela mão prudente do Sr. Allan Kardec.

Por sua natureza essencialmente filosófica, o Espiritismo deve, em todas as circunstâncias, abster-se de tratar as

questões religiosas dogmáticas e, sobretudo, abordar o terreno inflamado da política. Constatamos com pesar que alguns espíritas, felizmente uma pequena minoria, têm respondido, com teimosa persistência e sem piedade, aos violentos ataques de que fomos e ainda somos o objeto. Vemo-los com tristeza perseverarem numa linha de conduta que não podemos aprovar. Deixemos aos outros a tarefa de apontar os abusos e de os combater pela palavra e pela imprensa. Nossa missão não é destruir, mas edificar; tratemos de fazer melhor do que os nossos adversários e seremos estimados e apreciados. Que outros empreguem a violência e a crítica acerba; nossa única arma deve ser o espírito de conciliação e de persuasão.

Muitas vezes nos perguntaram por que não respondíamos aos ataques de que fomos objeto; é que, a tal respeito, partilhamos completamente a maneira de ver do Sr. Allan Kardec⁴⁷. Como ele, não pensamos que o Espiritismo seja atingido pelas diatribes e acreditamos que a melhor refutação a lhes fazer é o silêncio, não devendo o Espiritismo preocupar-se em responder a eles senão multiplicando a difusão de seus ensinamentos e fazendo o maior bem possível.

Por que abandonaríamos um método que, até aqui, sempre nos foi salutar? Não é a nossa Doutrina, é o Espiritismo de fantasia, o Espiritismo imaginado pelos nossos adversários que é atacado nos escritos que nos apontam. Deixemo-los bater no vazio e não demos importância a zombarias que, não se dirigindo ao verdadeiro Espiritismo, não lhe podem fazer sombra.

Em vez de perder nosso tempo e consumir nossas forças em vãs disputas que divertiriam o grande público, unamo-nos, ao contrário, para que a filosofia espírita cresça e se popularize pelos nossos atos, pelos nossos trabalhos perseverantes.

47 N. do T.: Vide a *Revista Espírita* de novembro de 1858: *Polêmica Espírita*.

Revista da Imprensa

REENCARNAÇÃO — PREEXISTÊNCIA

Numa comunicação intitulada: *O Espiritismo e a literatura contemporânea*, publicada no último número da *Revista Espírita*, o Espírito Allan Kardec se felicitava por ver a literatura e a Ciência entrarem mais abertamente nas vias do Espiritismo filosófico. Com efeito, alguns autores aceitam um certo número de nossas convicções e as popularizam em seus escritos; outros se servem dos nossos ensinamentos como de uma fonte fecunda em situações novas, em quadros susceptíveis de interessar aos seus leitores. Alguns, enfim, inteiramente convencidos, não temem consagrar à vulgarização dos nossos princípios a sua profunda erudição e o seu notável talento de escritor.

Entre estes últimos, citaremos o Sr. Victor Tournier, já conhecido do mundo espírita pela publicação de uma brochura intitulada: *O Espiritismo perante a razão*⁴⁸, tendo por objetivo demonstrar, apenas pelo poder do raciocínio, a realidade dos nossos ensinamentos. — Prosseguindo sua obra com uma atividade infatigável, o Sr. Victor Tournier publica uma série de artigos no jornal *Fraternité*, de Carcassonne, nos quais a questão filosófica é tratada do ponto de vista espírita com clareza de concepção e lucidez de expressão acima de todo elogio. Já apareceram vários desses artigos, e o Sr. Tournier houve por bem fazer chegar alguns às nossas mãos. Quando toda a série tiver sido publicada, pretende o autor coordená-la e dela compor uma brochura que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os espíritas desejosos de possuírem obras realmente sérias, onde a Doutrina é submetida ao controle irrecusável da lógica e da razão.

48 Brochura in-12, preço: 1 fr. — Livraria Espírita, 7, rue de Lille, Paris.
(Vide a *Revista Espírita* de março de 1868.)

Tomamos hoje do *Fraternité* um desses artigos que, sob o título: *Preexistência-Reencarnação*, reúne em algumas páginas interessantes as opiniões emitidas em favor desse princípio por filósofos e literatos, cuja autoridade não se poderia contestar. Citamos textualmente a primeira parte desse trabalho, cujo fim publicaremos no próximo número:

“É opinião muito antiga que as almas, ao deixarem este mundo, vão para os infernos, e que de lá retornam à Terra, voltando à vida depois de terem passado pela morte. – ...Parece-me, também, Cébès, que nada se pode opor a essas verdades, e que não nos enganamos quando os *recebemos*; porque é certo que há um retorno à vida; que os vivos nascem dos mortos; que as almas dos mortos existem, e que as almas virtuosas são melhores e as más são piores.” (Sócrates, em *Fédon*).

“É digno de nota que quase todos os povos antigos acreditavam na preexistência da alma e em sua reencarnação. Os filósofos espiritualistas consideram o renascimento como uma consequência da imortalidade; para eles, estas duas verdades eram solidárias, não se podendo negar uma sem negar a outra. Não se sabe ao certo se Pitágoras recebeu essa doutrina dos egípcios, dos hindus ou dos gauleses, nossos pais. Se viajou entre todos esses povos, aí a encontrou igualmente, pois que lhes era comum.

“Esse mesmo solo que hoje habitamos, diz Jean Reynaud, era povoado antes de nós por uma comunidade de heróis, habituados todos a se considerarem como tendo percorrido o Universo desde longa data, antes de sua encarnação atual, fundando, assim, a esperança de sua imortalidade sobre a convicção de sua preexistência.”

“E o poeta Lucano: ‘Segundo os druidas, as sombras não descem nas silenciosas moradas do Erebo, nos pálidos reinos

do deus do abismo. *O mesmo Espírito anima um novo corpo numa outra esfera.* A morte (se vossos hinos são verdadeiros) é o meio de uma longa vida.’

“Esta crença era tão fortemente arraigada entre nossos pais que eles faziam empréstimo entre si de somas pagáveis num outro mundo, seguros que estavam de ali se encontrarem e se reconhecerem.

“Se os hebreus jamais a adotaram de maneira tão geral e tão completa, não obstante a elas não ficaram estranhos. Sabe-se que os fariseus, a seita que se vangloriava de ser a mais ortodoxa, acreditava numa danação eterna para os maus e num retorno à vida para os bons. Era o contrário da religião do Sintos, a mais antiga do Japão, que, segundo Kempfer, citado por Boulanger, ensina que só os maus retornam à vida para expiar seus crimes.

“Certas passagens da Bíblia justificam a doutrina dos fariseus e exprimem de maneira muito clara a crença na reencarnação. Eu poderia citar algumas delas, mas me contento com as duas seguintes:

“ – É o Senhor que tira e que dá a vida; que conduz aos infernos e que dele retira.” (I Reis, cap. II, v. 6.)⁴⁹ Isto é, que faz morrer e faz reviver.

“Sabe-se que um dos processos da poesia hebraica era repetir, em termos diferentes, na segunda parte da estrofe, o pensamento já expresso na primeira parte. Aqui, *tirar a vida* corresponde, evidentemente, a *conduzir aos infernos*, e *dar a vida a dele retira*. Aliás, na Bíblia, como em Platão e entre todos os antigos, infernos são sinônimos de túmulo, de morte; retirar dos infernos significa fazer reviver neste mundo, fazer renascer.

49 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

“Aqueles do vosso povo que fizeram morrer viverão *de novo*, os que foram mortos em meio de mim ressuscitarão.” (Isaías, cap. XXVI, v. 19)⁵⁰

“Os judeus modernos, entre os quais se conservou esta crença, chamavam *gilgul*, *rolamento*, a passagem da alma de um corpo a outro.

“Se o Cristo, que sem dúvida previa todas as divisões que dariam origem aos dogmas impostos e a todo o sangue que eles fariam derramar, não deu por lei aos seus discípulos senão o amor de Deus e do próximo, não deixou de manifestar menos, em muitas ocasiões, sua crença na reencarnação. – “13. Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João; – 14. e se quereis compreender o que vos digo, *é ele mesmo o Elias que devia vir*. – 15. – Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça.” (São Mateus, cap. XI.)

“Aqui, não se trata de Elias descido do céu – pois sabemos que João Batista era filho de Zacarias e Isabel, prima de Maria – mas de Elias reencarnado.

“1. Quando Jesus passava, viu um cego de nascença. – 2. E os seus discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (São João, cap. IX.)

“Por que os discípulos perguntam a Jesus, como uma coisa muito natural, se é por causa de seu pecado que este homem é cego? – É que os discípulos e Jesus estavam convencidos de que o homem podia ter pecado antes de nascer e, por conseguinte, que já tinha vivido. É possível dar outra explicação?

“Como se admirar, já que os escritores eruditos nos asseguram que a crença na pluralidade das existências estava, de

50 **N. do T.:** Conforme a versão francesa de Lemaître de Sacy, sem correspondência com as referências de iguais números das versões católicas e protestantes das Bíblias brasileiras.

modo geral, espalhada entre os cristãos dos primeiros séculos? – Aliás, sempre houve e haverá ainda entre eles, como entre os judeus, homens que a professam, sem, por isso, abandonarem a sua ortodoxia.

“Enquanto esta linha de conduta prevalecia na Igreja e terminava pela condenação de Orígenes, de que vimos a providencial justiça, aqueles que foram postos no número dos santos não deixaram de sustentar a pluralidade das existências e a não-realidade da *danação eterna*. É São Clemente de Alexandria que ensina a redenção universal de todos os homens pelo Cristo Salvador; ele se indigna contra a opinião que não beneficia com essa redenção senão os privilegiados; e diz que, criando os homens, Deus tudo dispôs, no conjunto e nos detalhes, objetivando a salvação geral. (Stromat., livro VII. Oxford, 1715.) Depois, é São Gregório de Nissa que nos diz que há *necessidade de natureza* para a alma imortal ser curada e purificada, e quando não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera nas vidas futuras e subseqüentes. Eis a pluralidade das existências ensinada claramente e em termos formais. Mesmo em nossos dias, redescobrimos a preexistência e, portanto, a reencarnação, aprovadas na pastoral de um bispo da França, o Monsenhor de Montal, bispo de Chartres, a respeito dos negadores do pecado original, ao qual ele opõe a crença permitida das vidas anteriores da alma. Essa pastoral é do ano de 1843. (A. Pezzani, *Pluralidade das existências da alma*.)

“Eis as próprias palavras do bispo Montal. Tomo-as do nº de 27 de outubro de 1864 do jornal *Avenir*. ‘Já que a Igreja não nos proíbe de crer na preexistência das almas, quem pode saber o que se terá passado nas eras remotíssimas, entre as inteligências?’

“Numa carta ao Sr. Balathier, publicada no jornal *Petite Presse* de 20 de setembro de 1868, da qual falarei novamente, o Sr. Ponson du Terrail conta que em seu domínio das Charmettes, onde se encontra, teve como conviva o cura de seu vilarejo. Este se

mostrou muito surpreso ao ouvir o anfitrião afirmar-lhe que se lembrava de ter vivido ao tempo de Henrique IV e de haver conhecido particularmente esse rei; que acreditava que já tínhamos vivido e que viveríamos novamente. Mas, enfim, diz o autor, ele me confessou que *as crenças cristãs não excluem esta opinião*, e me deixou seguir o meu caminho.”

“Mesmo durante as sombras da Idade Média, época em que, segundo a expressão de Michelet, Satã cresceu de tal modo que *entenebreceu* o mundo, a crença na reencarnação não foi abafada completamente. Encontro uma prova disto na *Divina Comédia*, onde Dante, que então partilhava essa opinião do povo, coloca o imperador Trajano no paraíso. Este, depois de ter passado quinhentos anos no inferno, daí saiu pela virtude das preces de São Gregório, o Grande. Mas, coisa digna de atenção, ele não foi diretamente para o céu; retomou um corpo na Terra – *torno all’ossa* – e somente depois de se ter demorado algum tempo nesse corpo – *in che fu poco* – é que foi admitido no número dos eleitos.

“Entre os filósofos e os sábios esta idéia jamais deixou de ter representantes. O ilustre Franklin, um dos homens que mais honraram a Humanidade pelo gênio e pela sabedoria, compôs, ele próprio, o epitáfio seguinte, que testemunha a sua fé na reencarnação:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

“Numa carta à Sra. de Stein, Goethe exclama: ‘Por que o destino nos ligou tão estreitamente? Ah! em tempos passados fostes minha irmã ou minha esposa!’

“O grande químico inglês, *sir* Humphry Davy, numa obra intitulada: *Os últimos dias de um filósofo*, aplica-se em demonstrar a pluralidade das existências da alma e suas encarnações sucessivas. ‘A existência humana, diz ele, pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que se compõe a vida eterna.’

“Charles Fourier estava de tal modo convicto de que renascemos na Terra, que se encontra em sua obra a seguinte frase: *‘Aquele que foi mau rico poderá voltar a mendigar na porta do castelo de que foi proprietário.’*

“Hoje, a crença na pluralidade das existências é quase geral nos grandes escritores. Acho supérfluo fazer citações que se encontram em toda parte e que me fariam ultrapassar o quadro no qual devo cingir-me. Disse o Sr. Chaseray em suas *Conferências sobre a alma*⁵¹: ‘Sinto dificuldade na escolha de citações para mostrar que a fé numa série de existências, umas anteriores, outras posteriores à vida presente, cresce e se impõe cada dia mais aos espíritos esclarecidos.’

“Não foi apenas Proudhon que se sentiu arrastado para este lado. A passagem seguinte, de uma carta dirigida pelo grande demolidor ao Sr. Villiaumé, em 13 de julho de 1857, é uma prova disto. Diz ele: ‘Pensando nisto, eu me pergunto se não arrasto a corrente de algum grande culpado, condenado numa existência anterior, como ensina Jean Reynaud!’

“Como se vê, é a velha metempsicose que reaparece e tende a tornar-se a religião da Humanidade. Ela tem tanto mais chances de triunfar desta vez, quanto se despojou da sujeira que a

51 *Conferências sobre a alma*, pelo Sr. Chaseray, 1868. Brochura in-12; preço: 1 fr. 50, franco 1 fr. 75. *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

fez abandonada: – Hoje já não se crê que a alma humana possa retrogradar e entrar no corpo de um animal. Os Antigos não tinham o sentimento do progresso contínuo do ser e da organização que preside à obra de Deus: eis por que caíram neste erro grosseiro.

“Num próximo artigo, submeteremos esta doutrina ao controle da razão.”

V. Tournier

VIAGEM DO SR. PEEBLES NA EUROPA

Entre os partidários da escola espiritualista americana, com os quais nos felicitamos por multiplicar relações, estamos contentes em citar o Sr. Peebles, muito conhecido do mundo espírita americano como redator do “*Banner of Light*”, jornal “*espiritualista*” de Boston.

O Sr. Peebles também se distinguiu como conferencista e, pela leitura de alguns discursos que pronunciou para popularizar nossas convicções, pudemos apreciar a nobreza de suas concepções e a profundidade e imparcialidade de seu espírito.

Tomamos do *Human nature*, jornal espiritualista publicado em Londres, alguns detalhes interessantes sobre a vida do Sr. Peebles. Em sua juventude ele estudou para ser ministro do culto calvinista batista, uma das comunhões ortodoxas mais rigorosas da América. Suas aptidões e sua educação liberal o levaram a ultrapassar os estreitos limites dos conhecimentos requeridos para ser pastor. Lutou, observou e pensou por si mesmo, combatendo corajosamente o que sua educação primeira condenava e defendendo conscienciosamente o que acreditava ser a verdade. Da escola calvinista, entrou nas perspectivas mais vastas professadas pelas universidades, cujas crenças ensinou durante vários anos.

Enquanto seu espírito oscilava entre o estreito círculo das teorias clássicas e a impotência da dúvida e da negação, o movimento *espiritualista* se espalhava em toda a América. Ocorreram manifestações na casa de alguns de seus amigos e diante de seus próprios olhos. Examinou com prudência os fenômenos e as comunicações e, após muitas dúvidas e desconfianças, suas objeções sucumbiram em face da verdade e ele entrou nas fileiras dos espiritualistas. Depois, consagrou-se à propagação de nossas convicções; viajou da Nova Inglaterra à Califórnia, do Norte ao Sul, nas cidades civilizadas do Leste, entre os montanheses e os habitantes das planícies, difundindo a nova doutrina e adquirindo experiência nessas visitas a todos os graus de civilização.

O Sr. Peebles publicou várias obras espíritas notáveis, entre as quais um volume intitulado: “*Os videntes do século*”, com a qual nos homenageou, e que tem por objeto especial demonstrar a existência dos Espíritos e a possibilidade de se entrar em comunicação com eles.

O Sr. Peebles não visita a Europa apenas na condição de espiritualista; dirige-se a Trézibonde na qualidade de cônsul dos Estados Unidos. Estamos felizes por poder contá-lo no número dos homens sem preconceito, que são os mais dispostos a admitir a reencarnação, esse princípio essencial por tanto tempo contestado pela escola americana, e que hoje tende a se popularizar naquele país. Não é duvidoso que um entendimento cordial entre todos os homens inteligentes, que em todos os centros estudaram seriamente esta interessante questão, em breve resulte para todos: a aceitação da verdade.

A comunicação seguinte foi obtida num círculo íntimo, na presença do Sr. Peebles. Julgamos um dever levá-la ao conhecimento de nossos leitores, porque nos parece explicar lógica e racionalmente as verdadeiras causas da divergência dos

ensinamentos dos Espíritos nos centros franceses e nos centros americanos.

O ESPIRITISMO E O ESPIRITUALISMO

(Paris, 4 de outubro de 1869, em casa de *Miss Anna Blackwell*)⁵²

Estou mais feliz do que podeis imaginar, meus bons amigos, por vos encontrar reunidos. Estou entre vós, numa atmosfera simpática e benevolente, que satisfaz ao mesmo tempo ao meu espírito e ao meu coração.

Há muito tempo que eu desejava ardentemente o estabelecimento de relações regulares entre a escola francesa e a escola americana. Para nos entendermos, meu Deus, bastaria simplesmente nos vermos e trocar opiniões. Sempre considerei o vosso salão, cara senhorita, como uma ponte lançada entre a Europa e a América, entre a França e a Inglaterra, e que contribui poderosamente para suprimir as divergências que nos separam, e estabelecer, numa palavra, uma corrente de idéias comuns, da qual surgiriam, no futuro, a fusão e a unidade.

Caro Sr. Peebles, permiti-me cumprimentar-vos pelo vosso vivo desejo de entrar em relação conosco. Não devemos lembrar se somos espíritas ou espiritualistas. Seremos uns pelos outros, homens e Espíritos que buscam conscienciosamente a verdade e que a acolherão com reconhecimento, quer resulte dos estudos franceses ou dos estudos americanos.

No espaço os Espíritos conservam suas simpatias e seus hábitos terrestres. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda *americanos*, como os desencarnados que viveram na França são ainda *franceses* no espaço. Daí a diferença dos ensinamentos em certos centros. Cada grupo de Espíritos, por sua própria natureza,

52 N. do T.: Embora no original conste o dia 14 de setembro, esta comunicação foi dada no dia 4 de outubro, conforme *Errata* contida na última página do fascículo de dezembro de 1869.

por seu espírito nacional, apropria suas instruções ao caráter, ao gênio especial daqueles a quem falam. Mas, assim como na Terra, as barreiras que separam as nacionalidades tendem a desaparecer, também no espaço os caracteres distintivos se apagam, as nuances se confundem e, num tempo futuro, menos afastado do que supondes, não mais haverá na Terra nem no espaço, nem franceses, nem ingleses, nem americanos, mas homens e Espíritos, filhos de Deus da mesma maneira, e aspirando, por todas as suas faculdades, ao progresso e à regeneração universais.

Senhores, eu saúdo nesta noite, nesta reunião, a aurora de uma próxima fusão das diversas escolas espíritas, e me felicito de encontrar o Sr. Peebles no número dos homens sem prevenção, cujo concurso e boa vontade assegurarão a vitalidade dos nossos ensinamentos no futuro e sua universal vulgarização.

Traduzi as minhas obras! Só se conhecem na América os argumentos contra a reencarnação. Quando as demonstrações em favor desse princípio ali se tornarem populares, o *Espiritismo* e o *Espiritualismo* não tardarão a se confundir, tornando-se, por sua fusão, a Filosofia natural adotada por todos.

Allan Kardec

Dissertações Espíritas

OS ANIVERSÁRIOS

(Paris, 21 de setembro de 1869)

Há entre todos os homens do mundo moderno um costume digno de elogios, sem a menor dúvida, que, pela força das coisas, logo se verá transformado em norma. Quero falar dos aniversários e dos centenários!

Uma data célebre na história da Humanidade, seja por uma conquista gloriosa do espírito humano, seja pelo nascimento ou a morte de benfeitores ilustres, cujo nome está inscrito em caracteres indeléveis no grande livro da imortalidade, uma data célebre, como disse, vem cada ano lembrar a todos que somente aqueles que trabalharam para melhorar a sorte de seus irmãos têm direito a todo respeito, a toda veneração. As datas sangrentas se perdem na noite dos tempos, e se por vezes ainda nos lembramos com orgulho as vitórias de um grande guerreiro, é com profunda emoção que nos recordamos dos que procuraram, por meio de armas mais pacíficas, derrubar as barreiras que separam as nacionalidades. Isto é bom, é digno, mas é suficiente? A Humanidade santifica seus grandes homens; fá-lo com justiça, e suas sentenças, ouvidas pelo tribunal divino, são inapeláveis, porque foi a consciência universal que as pronunciou.

Povo: a admiração, o respeito, a simpatia comovem o teu coração, animam o teu espírito, excitam a tua coragem, mas é necessário ainda mais. É necessário que a emoção que experimentas encontre eco em todos os grandes Espíritos que assistem, invisíveis e enternecidos, à evocação de suas generosas ações; é preciso que estes últimos reconheçam discípulos e êmulos entre os que fazem reviver o seu passado. Lembrai-vos! a memória do coração é o selo dos Espíritos progressistas, chamados ao batismo da regeneração; mas provai que compreendeis o devotamento de vossos heróis prediletos, agindo como eles, num teatro menos vasto, talvez, mas dignificante, para adquirir ou fazer que adquiram, aqueles que vos cercam, os princípios de liberdade, de solidariedade e de tolerância, que constituem a única legislação dos universos.

Após quinhentos anos, João Huss vive na memória de todos, ele que não derramou senão o seu próprio sangue para a defesa das liberdades que havia proclamado. Mas, alguém se lembra do príncipe que, na mesma época, ao preço de enormes sacrifícios

de homens e dinheiro, tentou apoderar-se das terras de seus vizinhos? Lembra-se dos salteadores armados que exigiam contribuição dos viajantes imprudentes? E, contudo, a celebridade está associada ao guerreiro, ao bandido e ao filósofo; mas o guerreiro e o assassino estão mortos para a posteridade. Sua lembrança jaz encerrada entre duas folhas amareladas das histórias medievais; o pensador, o filósofo, o que primeiro despertou a idéia do direito e do dever, que substituiu a escravidão e o jugo pela esperança da liberdade, está vivo em todos os corações. Ele não procurou o seu bem-estar e a sua glória, procurou a felicidade e a glória da Humanidade futura.

A glória dos conquistadores se extingue com a fumaça do sangue que eles derramaram, com o esquecimento das lágrimas que fizeram correr; a dos regeneradores aumenta sem cessar, porque o espírito humano, engrandecendo-se, recolhe as folhas esparsas em que estão inscritos os atos gloriosos desses homens de bem.

Sede como eles, meus amigos; procurai menos o brilho que o útil; não sejais do número dos que combatem pela liberdade com o desejo de serem vistos; sede dos que lutam obscuramente, mas incessantemente, para o triunfo de todas as verdades, e sereis também daqueles cuja memória jamais se apagará.

Allan Kardec

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

(Sociedade de Paris, 8 de outubro de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Permiti-me, senhores, solicitar por alguns instantes a vossa atenção. Ocupai-vos muito do Espírito de vossos inferiores na Natureza, desses pequenos seres bastante inteligentes para tornar popular a crença, hoje admitida por expressivo número de grandes Espíritos, que na escala ascendente das criações o homem

é o topo, depois de ter passado por todos os graus hierárquicos dos seres.

Por minha vez, aqui prestarei homenagem às *Harmonias* de Kepler, o sábio predestinado que, a bem dizer, concebeu e ditou às gerações futuras os fundamentos inquebrantáveis das leis que hoje guiam os pesquisadores conscienciosos.

A princípio eu vivia custosamente do meu trabalho; depois, chegando as facilidades, pude estudar e aprender. Por companhia, eu tinha uma mulher doce e inteligente e, sem filhos, esperávamos os cabelos branquearem com tranqüilidade. Quando minha esposa morreu, eu tinha sessenta anos; minha tristeza era tão grande que, sempre solitário com minhas lembranças, eu percorria os grandes bosques que rodeiam Mézières; queria morrer e não podia.

Certo dia, caiu um pássaro aos meus pés, um pequeno gaio. Meu primeiro impulso foi apanhá-lo do chão, aquecê-lo, reanimá-lo; e, com efeito, o pobre animalzinho logo se tornou grande, gentil e, tanto quanto possível, engraçado. Seguia-me por toda parte, parecia adivinhar o meu pensamento. Se eu estava triste, encostava-se em mim, fazia mil caretas e dava mil gritos estranhos, forçando-me a rir. Diante de uma visita, era ameaçador. Seguia-me na jardinagem, esmigalhando a terra e rejeitando os calhaus. À mesa, reclamava sua provisão com insistência e cantava ou imitava o canário, a toutinegra, o gato, o cão, etc...

Que quereis? Os dias tão tristes para mim se tornavam alegres, e este amiguinho, esta singular providência, animava-me interiormente. Fez-me amar a vida e pensar que Deus punha sempre ao nosso alcance uma compensação às nossas penas. Como vós, pensava que o animal devia ser tratado como amigo, como comensal, e que a última palavra do egoísmo e do orgulho humanos devia ser destruído pelo ensino que o vosso venerado mestre procurava propagar. Esta idéia consoladora tornou-se uma

certeza e dela fiz o objeto de meus estudos prediletos. Nessas leituras eu encontrava amigos entre os comentadores e os filósofos; e se hoje valho alguma coisa no mundo dos invisíveis, sem nenhuma dúvida o devo ao meu gaio, atirado brutalmente do ninho por algum inimigo malévolo de sua raça.

Por vezes as pequenas causas produzem grandes efeitos. Eu procurava a morte e encontrei a vida radiante e plena das promessas sedutoras e verdadeiras da erraticidade.

Sylvestre

Observação – Durante a sessão na qual esta comunicação foi obtida, discutiu-se a notável obra de Kepler sobre as *Harmonias dos Mundos*, algumas de cujas passagens foram lidas e comentadas por um dos presentes. Sem dúvida é a este incidente que o Espírito faz alusão.

Sentimo-nos felizes por anunciar que a obra de Kepler⁵³, cuja tradução está muito avançada, será publicada num futuro próximo. Nós nos propomos a fazer a sua análise minuciosa na *Revista* e assinalar particularmente aos nossos leitores um grande número de capítulos em que a maior parte dos problemas espíritas é tratado com uma elevação de pensamento e um poder de lógica capaz, quem sabe, de atrair seriamente a atenção do mundo erudito sobre a nossa filosofia.

AS DESERDADAS

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de julho de 1869 – Médium: Sr. Leymarie)

Venho vos falar hoje das deserdadas, tão numerosas ainda, mas cujo número, reconhecemos com satisfação, está bem

53 A obra *As Harmonias dos mundos* formará um belo volume in-8 de 500 páginas, ao preço de 5 francos. As pessoas que desejarem adquiri-la tão logo apareça, podem, a partir de agora, dirigir seu pedido ao Sr. Bittard, gerente da Livraria, 7, rue de Lille, em Paris.

reduzido, considerando-se o que existia há algumas vintenas de anos.

Essas deserddadas são nossas mães, nossas filhas, nossas irmãs. Outrora elas se ocupavam dos trabalhos penosos. Bestas de carga, máquinas de procriar, vencidas e postas na lista negra como uma coisa, pareciam encarnar por seus sofrimentos todas as brutalidades do dono, todas as potências da força sobre a fraqueza.

A Idade Média ainda nos traz à memória o seu passado doloroso e sua contínua submissão.

Hoje, porém, elas são respeitadas e amadas, pois a instrução se espalhou e o homem começa a apreciar em seu justo valor a companheira que o ajuda a atravessar as provas da vida com tanta solicitude e cuidados ternos e delicados.

Sim, a despeito da educação irritante que nossas mães e nossas irmãs recebem, malgrado essa inoculação de pensamentos opostos aos do homem, a mulher se modifica profundamente. Embora obedeça a um preconceito arraigado a hábitos seculares; posto suas crenças não sejam as nossas e muitas vezes a pátria, o futuro, o progresso e a liberdade para elas sejam letra morta; apesar dessa educação enervante, tudo se transforma à nossa volta. O nosso íntimo se acalma e a nova geração, graças às disposições maternas, será mais forte, mais decidida, amante das artes, da indústria, da paz, da fraternidade e da solidariedade.

Que em vossas cidades se abram cursos, reuniões, obras inteligentes, pois as salas são muito pequenas. Nossas companheiras têm sede de literatura, de ciências, de astronomia; gostam da palavra vibrante e forte dos conferencistas, palavra muitas vezes inspirada, que não cai num terreno estéril, sabei-o bem, porque as crianças recolhem os frutos desses belos e reconfortantes saraus.

Finalmente a hora da redenção chegou para elas. Mães! elas devem reviver em seus filhos; devem dar conta de suas obras à sociedade e, como valentes, querem saber e não ser estranhas a nada; são nossos iguais e nos devem completar. Peçamos para elas o apoio três vezes santo de todos os conhecimentos humanos postos ao seu alcance.

Quem poderia, pois, melhor compreender o Espiritismo que as mulheres? Para o homem, elas têm a prova íntima de sua força, de seu direito; o que era um pressentimento torna-se uma realidade; para ele, elas aprendem o objetivo de suas longas etapas através da Humanidade e, à vista da sanção espírita, são as boas operárias da obra nova. A família é o futuro, e nossas mães transformarão esta bem-amada família num foco de união, de amor, de benevolência e de perdão. Através da família, haverá uma profunda revolução no mundo do pensamento, e os deserdados cumprirão a obra final para grande proveito da Humanidade.

Bernard

DOIS ESPÍRITOS CEGOS

(ESTUDO MORAL)

Entre os grupos e sociedades espíritas que nos enviam documentos e submetem à nossa apreciação as instruções que lhes são dadas, temos a felicidade de contar a Sociedade de Marselha, que poderia servir de modelo pela gravidade e importância de seus trabalhos e pelo método inteligente e lógico com que procede ao estudo dos problemas espíritas. Seria desejável que todos os centros se comportassem dessa maneira; com isso os espíritas ganhariam seguramente em ciência e dignidade, e a Doutrina em consideração e desenvolvimento.

Consideramos um dever dar a conhecer aos nossos leitores o relato de uma manifestação obtida naquela Sociedade

pela mediunidade falante, faculdade que tende hoje a generalizar-se e que se tornará, inegavelmente, para todos os amigos da verdade e do progresso, uma fonte de estudos fecundos em resultados felizes.

(Marselha, setembro de 1869 – Médiun falante: Sra. G.)

I – *Um dos guias protetores do grupo traz dois Espíritos sofredores, anunciando-os nestes termos:*

“Caros amigos, trago-vos dois cegos; ouvi-os atentamente e acolhei-os com simpatia. Deixo-vos por alguns instantes para lhes ceder o lugar, mas em breve voltarei para concorrer à vossa instrução.”

Brunat

Tão logo se retirou o Espírito Brunat, a fisionomia do médium muda bruscamente e anuncia a chegada de um Espírito sofredor. Este último toma a palavra e diz:

“Onde estou, meu Deus? Qual é a minha situação? É permitido sofrer como sofro? e, contudo, que fiz? Não fiz muito o bem, é certo, mas não pratiquei o mal!... Ó vós que me escutais, sabeis quão cruéis são os meus sofrimentos!... Fui arrancado subitamente da Terra quando menos esperava, deixando, nesse mundo que lamento tão amargamente, uma mulher que eu adorava.

“Não sei há quanto tempo estou errando; mas se passaram muitos dias até que eu compreendesse que estava morto. Alguns dias, vários anos? nada sei; mas me parece que suportei os sofrimentos de toda uma eternidade. Ligado ao corpo por laços poderosos, senti os vermes corroendo-me a carne; sofri todas as torturas da putrefação. Por isso, bem compreendo hoje que estou morto. Mas, aí! eu sou cego... Assim, chego ao vosso meio conduzido por não sei quem, impelido por não sei o quê! Sou um pobre infeliz que não vê mais e que ainda encontra, às apalpadelas,

os lugares que lhe são familiares; mas, enquanto o cego sabe que é conduzido por seu cão, embora não o veja, eu nada sei. – Oh! como é penoso sofrer assim, procurar sem cessar e jamais encontrar!...

“Como vos disse, deixei na Terra um ser que eu amava; é minha mulher. Desde que a morte me fulminou, não deixei de procurá-la, mas ainda não pude encontrá-la. Em que se tornou?... *Quantas vezes faço estalar meu chicote diante da porta da casa! Quantas vezes subi a escada; chegava à porta do quarto e não podia entrar... Como posso entrar na casa?* Nada sei; é este o meu tormento incessante, o sofrimento cruel que por vezes me faz desesperar da existência de Deus. Dizem que ele é poderoso, e não pode abrir os meus olhos! Ele é bom, e não pode acalmar minha dor!... Enfim, sem dúvida mereci este suplício, que não me deixa nenhum repouso. Oh! procurar sempre e sempre procurar em vão... Se o amor não fosse uma palavra vã, parece que eu já teria atraído esse ser que amo e sem o qual não posso viver...

“Não sabeis o que foi feito dela? – Não; vejo que nada sabeis! ninguém pode dar notícias suas; creio que ficaria mais calmo se pudesse vê-la e com ela falar! Há pouco tempo eu era mais resignado, porque ainda a esperava; mas hoje minha paciência esgotou-se!...

“Sofro, meu Deus! Por quê? Nada... nada de consolação, nada de resposta, nada de luz... Em toda parte, ao meu redor, um silêncio lúgubre uma escuridão glacial... Quanto não devem sofrer os que semearam sua vida de crimes!... O remorso deve consumi-los, já que eu, que nada fiz, sou incapaz de descrever as minhas angústias... e, depois, esqueci tudo, salvo que não posso voltar; esqueci até a rua onde morávamos e, contudo, ali vou sem me dar conta... Subo a escada... chamo e ninguém me responde; entretanto, alguma coisa me diz que ele me ouve.

“Oh! se pelo menos eu tivesse paciência! Sois bons, bem o sinto; se acreditardes que a prece me faça alguma bem, orai por mim, orai por um cego infeliz.”

Mouraille

II – *A este Espírito sucedeu o de Brunat, protetor do grupo; dirigindo-se ao infeliz Mouraille, disse-lhe:*

“Caro Espírito, se me sirvo do órgão de um encarnado para te falar, é que sob a opressão dos laços carnis que ainda te dominam, poderás falar melhor assim, ouvir minhas palavras e compreender o seu significado.

“Ouvimos teus lamentos e tua dor nos tocou; compadecemos-nos vivamente e desejamos de toda a nossa alma concorrer para o teu esclarecimento. Mas, para isto, devemos dar-te a conhecer donde vem essa nuvem espessa que obscurece tua vista!

“Queixas-te com razão, porque sofres realmente e muito!... mas, se acreditas na existência de Deus, não deves ignorar que lhe deves tudo. As alegrias de tua existência e esta própria existência, foi ele que tas deu!... Que fizeste pelos infelizes da Terra, que deixaste? Vieste em seu auxílio? estiveste na mansarda do doente e do pobre envergonhado? alguma vez consolaste os aflitos? enfim, pautaste a tua vida segundo a tua consciência, essa voz divina que fala a cada um a linguagem da caridade, da fraternidade e da justiça? Ail que podes responder-me?...

“Como vês, a tua foi a vida de um egoísta: se não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os

mereceste? por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofredor e o infeliz.

“De todos esses prazeres, dos quais havias feito o objetivo único de tua vida, que te resta, agora que teu corpo voltou à terra? Crê-nos, resigna-te a um infortúnio que não deves senão a ti mesmo. Consagra a meditar sobre a inutilidade de tua vida passada o tempo que empregas a gemer; e se quiseses obter a luz que desejas tão ardentemente, desliga-te inteiramente desses laços materiais que ainda te mantêm acorrentado.

“Até lá, a mulher que procuras permanecerá invisível para ti. Ela mesma está tão afetada por essa obscuridade terrível que não a pode dissipar senão quando reconhecer seus erros e tomar boas resoluções para suportar as provas diante das quais faliu.

“Tu me ouves, tu me compreendes. Pobre Espírito. Escuta a minha voz; é um amigo que te fala; é um irmão que conheceu a fraqueza e que se serve de sua experiência para esclarecer-te. Reflete bem as minhas palavras, aproveita-as, e quando voltares a esta assembléia simpática, esperamos que então lamentarás a vida dissipada tão levianamente, e que te prepararás um futuro mais digno, através de firmes resoluções. Não percas um tempo precioso para procurar tua mulher; ainda não poderias encontrá-la, porque faz parte de tua provação ignorar se ela vive ou se está no mundo dos Espíritos.

“Adeus, irmão infeliz. Tens a nossa simpatia e o nosso sincero interesse pela tua sorte.”

Brunat

III – *Após alguns instantes, um Espírito ainda mais infeliz que o primeiro apoderou-se do médium e o pôs em estado de agitação extrema. Enfim, pouco a pouco, volta a calma e o Espírito pode comunicar-se e falar.*

“Eu o quero, eu o quero!... matei-me para o rever!... Por que não estás aí? Que devo fazer? Devo enforcar-me mais uma vez?... – Mouraille! Mouraille! onde estás? Sei que morri... enforquei-me!... não podia mais suportar a vida! – e, contudo, ainda estou separada de ti... Se não sentisse que vivo, diria que a morte aniquila tudo! Mas vivo, meu Deus, uma vida terrível!... e então... então tu deves viver também!... e estás perdido para mim como no primeiro dia de tua morte! – Ah! como sofro...”

“Oh! quantas vezes, quando eu era ainda viva, *ouvi o estalo do chicote diante da porta! Ouvia os teus passos na escada...* sentia bem que eras tu; mas não te podia ver... Não ouvi uma vez, mas cem vezes, e sempre à mesma hora!

“Meu Deus, deixei este mundo por uma morte horrível; abandonei tudo; por quê? Para nada ver... para não ter apoio nem consolo... Muitas vezes ainda vou ao meu quarto e, quando estou lá, *ouço sempre o estalo do chicote e te escuto andar*, mas nada vejo...”

“Oh! como esta noite me assusta, como este silêncio me acabrunha... É esta a consolação que dá a morte?... Se é verdade que existe um Deus supremo, por que nos faz nascer? por que nos faz viver? por que nos faz sofrer?... e, depois de morto, é preciso sofrer mais ainda... Mas, por que falo? ninguém me ouve, ninguém me compreende. Chamo, e nem mesmo o eco me responde. Nada... nada além de um silêncio terrível que me agita e me faz sofrer... Oh!

se ainda há seres que me possam ouvir, que me possam escutar, vinde em meu auxílio, eu vo-lo suplico!

“Onde estou?... Vou ao cemitério; encontro o corpo daquele que me chamou para a eternidade... Mas, nada de consolação... Volto à minha casa... ainda nada! E, contudo, falo, pelo que pude compreender, por uma voz desconhecida, que me é simpática... Mas, a quem falo? e por que exprimir minhas queixas e dar palavras a meus lamentos, desde que ninguém me ouve nem pode compreender-me?

“Oh! meu Deus! como esta noite é horrível!... Quantos tormentos! é o inferno; oh! certamente é o inferno!... Acreditava que se queimava no inferno... Mas queimar não deve ser nada em comparação com o que sofro... Estou sentada num local isolado e obscuro... Sinto um frio glacial e daqui faço duas corridas: vou ao cemitério, e do cemitério à minha casa, e volto sempre esmagada de fadiga, a morte na alma!... Nada de sono para entorpecer minhas pálpebras! nada de trégua, nem de repouso... nada de calma para minha alma agitada!

“O vazio me envolve!... Vou recomeçar minha corrida rude e penosa... Talvez o veja; mas, se não o vir, ao menos irei escutar *os estalos de seu chicote e seus passos barulhentos!...*”

IV – *Depois de uma pausa de alguns instantes, os traços do médium tomam uma expressão doce e calma; o Espírito Brunat retorna e, com voz simpática, dirige-se a esse pobre Espírito e lhe fala assim:*

“Escuta-me, pobre alma sofredora: Acreditas estar só e abandonada; escutas uma voz amiga, conquanto invisível para ti. Dizias há pouco que nem mesmo o eco respondia aos teus lamentos; mas, lembra-te de que destruíste tua vida, voluntariamente, violentamente, vida esta que não te pertencia, que devias dedicar aos teus irmãos infelizes. Sabias que agias mal! Deixa

de procuras inúteis! Estais separados por um abismo de trevas. Ora; substitui teus vãos lamentos por um pesar ardente e sincero e por boas resoluções, únicos que podem levar-te um raio de luz.

“Coragem!... Implora o Deus de bondade e de misericórdia, e ele te ajudará a sair um dia desta horrível situação.

“Lembra-te bem, em tuas mais dolorosas crises, de que tens em mim um amigo e um irmão.”

Brunat

– *Observação do presidente do grupo:* “Nem o médium, nem nenhuma das pessoas presentes conheciam esses dois Espíritos sofredores.”

“Tendo tido ocasião de falar do caso, foi-nos dito que, com efeito, o marido morreu em *meio a um banquete* há alguns meses, e que sua mulher enforcara-se poucos dias atrás.

“A pessoa que deu estas informações acrescentou, a propósito da mulher, que o seu suicídio não surpreendeu a ninguém no quarteirão, e que a Sra. Mouraille, depois da morte do marido, muitas vezes dizia *que o ouvia dar chicotadas no ar* (ele era negociante de gado), *andar na escada*, e que desejava ardentemente morrer para ir ao encontro dele o mais depressa.”

Bibliografia

O ECO DE ALÉM-TÚMULO

Monitor do Espiritismo na Bahia (Brasil)

Diretor: Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes

Num dos últimos números da *Revista* anunciamos o aparecimento de uma nova publicação espírita em língua

portuguesa, na Bahia (Brasil), sob o título de *L'Écho Spirite d'Outre-Tombe* (*O Eco de Além-Túmulo, monitor do Espiritismo no Brasil*). Mandamos traduzir o primeiro número desse jornal, a fim de que os nossos leitores dele se inteirem com perfeito conhecimento de causa.

O Eco de Além-Túmulo aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4º, sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. Com efeito, é preciso grande coragem de opinião para criar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos. A clareza e a concisão do estilo, a elevação dos sentimentos ali expressos, são para nós uma garantia do sucesso dessa nova publicação. A introdução e a análise que o Sr. Luiz Olympio faz, do modo pelo qual os Espíritos nos revelaram a sua existência, pareceram-nos bastante satisfatórias. Outras passagens, referindo-se mais especialmente à questão religiosa, dão-nos ocasião para algumas reflexões críticas.

Para nós, o Espiritismo não deve tender para nenhuma forma religiosa determinada. Ele é e deve continuar como uma filosofia tolerante e progressiva, abrindo seus braços a todos os deserdados, seja qual for a nacionalidade e a convicção a que pertençam. Não ignoramos que o caráter e a crença daqueles a quem se dirige o *Eco de Além-Túmulo* devem levar o Sr. Luiz Olympio a manejar certas susceptibilidades. Mas acreditamos, por experiência, que a melhor maneira de conciliar todos os interesses consiste em evitar tratar de questões que a cada um cabe resolver, e empenhar-se em popularizar os grandes ensinamentos que encontram eco simpático em todos os corações chamados ao batismo da regeneração e ao progresso infinito.

As passagens seguintes, extraídas de *O Eco de Além-Túmulo*, provarão, melhor do que longos comentários, o ardente

desejo do Sr. Luiz Olympio, de concorrer eficaz e rapidamente para a propagação dos nossos princípios:⁵⁴

“O fenômeno da manifestação dos Espíritos é maravilhoso, surgindo e vulgarizando-se por toda parte.

“Conhecido desde a mais remota antiguidade, vemo-lo hoje em pleno século dezenove, renovado e observado pela primeira vez na América setentrional, nos Estados Unidos, onde se produziu por movimentos insólitos de objetos diversos, por ruídos, por pancadas realmente extraordinárias!

“Da América, passou rapidamente para a Europa e aí, principalmente na França, ao cabo de alguns anos saiu do domínio da curiosidade e entrou no vasto campo da Ciência.

“Novas idéias, emanadas então de milhares de comunicações, obtidas das revelações dos Espíritos que se manifestavam, quer espontaneamente, quer por evocação, deram lugar ao nascimento de uma doutrina eminentemente filosófica que, em alguns anos, deu a volta à Terra e penetra em todas as nações, recrutando, em cada uma delas, tão grande número de prosélitos que hoje são contados aos milhões.

“A idéia do Espiritismo não foi concebida por ninguém; conseqüentemente, ninguém é o seu autor.

“Se os Espíritos não se tivessem manifestado espontaneamente, por certo o Espiritismo não existiria. Portanto, o Espiritismo é uma questão de fato, e não de opinião, não podendo as denegações da incredulidade prevalecer contra esse fato.

54 N. do T.: Como se trata da *tradução da tradução*, há ligeiras discrepâncias quanto à forma no trecho traduzido com o original brasileiro, existente na Biblioteca de Obras Raras da FEB em Brasília.

“A rapidez de sua propagação prova exuberantemente que se trata de uma grande verdade que, necessariamente, há de triunfar de todas as oposições e de todos os sarcasmos humanos; e isso não é difícil de demonstrar, se observarmos que o Espiritismo faz os seus adeptos principalmente na classe esclarecida da sociedade.

“Nota-se, porém, que essas manifestações sempre ocorreram de preferência sob a influência de certas pessoas dotadas de uma faculdade especial e designadas sob o nome de médiuns: maravilhosa faculdade que, aos olhos espantados da Humanidade, prova de maneira indubitável a onipotência, a bondade infinita e a misericórdia de Deus-Trino, supremo criador de todas as coisas.

“E, todavia, o Espiritismo não é privilégio exclusivo de ninguém. Qualquer pessoa, na intimidade de sua família, pode encontrar um médium em alguns de seus parentes, e então poderá, se o quiser, fazer suas próprias observações; mas não deve fazê-las com precipitação, à sua maneira, nem circunscrevê-las ao círculo de suas prevenções ou de seus preconceitos, para depois concluir enfaticamente pela negação daquilo que, por qualquer circunstância, não pôde ser bem estudado e, por conseguinte, ficou mal compreendido, é antes uma prova de leviandade do que de sabedoria.

“O emprego de algumas horas de observação também não é suficiente para que o Espiritismo, no que concerne à Doutrina, possa ser devidamente compreendido; ao contrário, exige, como qualquer outra ciência, além da boa vontade, um longo e sério estudo. E nem se pense que, por ser uma questão de fato, é possível muito ficar sabendo por ter-se presenciado um ou outro, isoladamente; porque um fato isolado nem sempre é perfeitamente compreensível senão depois da observação de outros, que com o anterior tenha a mais íntima conexão, sem o que poderá parecer incrível e até contraditório. Há, pois, que se compulsar e estudar os

trabalhos conhecidos, para saber apreciar os fatos que se apresentam à nossa observação e assim poder compreender a sua razão de ser.

“O maravilhoso fenômeno da comunicação dos Espíritos e de sua ação no mundo visível não é mais uma novidade. Está demonstrado ser uma conseqüência das leis imutáveis que regem os mundos. É um fato que se produz desde o aparecimento do primeiro homem e que se perpetuou em todos os povos, em todos os tempos e sob diversos caracteres, dando o mais cabal testemunho dessa verdade os arquivos da História, quer sagrada, quer profana, onde se acham consignados numerosos fatos de manifestações espíritas.

“As vantagens que a sociedade tira do Espiritismo são da maior importância, considerando-se que essa doutrina sublime e providencial, que contribui tão eficazmente para a felicidade do homem, nela exerce poderosa ação, tanto científica quanto moralizadora.

“A ação científica do Espiritismo se revela pelas luminosas explicações e pelas definições claras e precisas que dá de todos os fenômenos, tidos como sobrenaturais; revela-se também pelas provas palpáveis que nos dá da preexistência, da individualidade e da imortalidade do ser pensante, demonstrando da maneira mais evidente as causas das desigualdades morais do mundo visível e invisível e, portanto, a responsabilidade moral das almas, bem como as penas e as recompensas futuras.

“A ação moralizadora do Espiritismo se demonstra quando consideramos que o egoísmo, essa chaga cancerosa da Humanidade, engendrada pelo materialismo, negação formal de todo princípio religioso, se acha profundamente abalado por esta aurora celestial, que o Todo-Poderoso, em sua infinita misericórdia, dignou-se a enviar à Terra como precursora dessa nova e bem-

aventurada Era, em que os homens, melhor compreendendo os seus deveres recíprocos, de boa vontade cumprirão os salutares preceitos de Jesus: “Ama ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Tudo o que quereis que vos façam os homens, fazei também a eles.”

“O Espiritismo é ainda a aurora precursora de uma nova era, porque à sua luz resplandecente vão se dissipando as sombras da incredulidade, fazendo que pouco a pouco a fé e a esperança se insinuem no coração dos que não possuíam essas virtudes.

“Se, pois, o Espiritismo incontestavelmente produz bons frutos, porque dá esperança e fé; se, de fato, a fé e a esperança trazem os incrédulos a crenças sadias, é lógico, e mais que lógico, é evidente que o Espiritismo, operando milagres sobre a consciência, difunde uma doutrina benfazeja que satisfaz ao mesmo tempo ao espírito e ao coração, porque é um sistema de verdades filosóficas baseadas no Evangelho, que os Espíritos bons, fiéis mensageiros de Deus, nos vêm confirmar. É a espada do Arcanjo que vem derrubar as árvores e os arbustos da incredulidade, confundindo os materialistas e os ateus.

“O Espiritismo deve, portanto, caminhar de frente erguida, porque vem destruir esses erros e, ao mesmo tempo, derramar bálsamo consolador e vivificante nas chagas da Humanidade.”

AS MARAVILHAS CELESTES

Por C. Flammarion

Um grande número de nossos leitores nos vem pedindo, desde algum tempo, as *Maravilhas Celestes*, que estavam esgotadas. Estamos felizes por anunciar que esta obra de

Astronomia popular acaba de ser reimpressa em uma terceira edição, aumentada de novas descobertas e ornada de 80 gravuras representando as mais curiosas visões telescópicas. Preço: brochura, 2 fr.; encadernado, 3 fr.

CONVERSAS MESMERIANAS

ENSINO ELEMENTAR — HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICA DO
MAGNETISMO ANIMAL

Por A. Bauche, Membro Titular da Sociedade de Magnetismo de Paris

Esta obra, escrita sob a forma de conversas familiares, tem por objetivo ajudar a propagação do mesmerismo ou magnetismo animal.

A parte teórica compreende o magnetismo na Antiguidade e na Idade Média, sua renovação por Mesmer e seu estado atual.

Na parte teórica e prática são expostos os diversos sistemas, os métodos dos principais mestres, os processos, os efeitos, as aplicações úteis e racionais do magnetismo e os perigos de seu emprego por mãos inexperientes.

Vários capítulos são particularmente consagrados ao sonambulismo, à lucidez e ao êxtase. A parte psicológica, o poder da vontade, o da imaginação, etc., aí ocupam igualmente um vasto lugar e solicitam a atenção dos que levam a sério a pesquisa da verdade.

Apresentando o magnetismo em toda a sua simplicidade, isto é, isento do maravilhoso e do exagero que contribuíram para afastar de seu estudo um grande número de pessoas sérias, espera o autor que a leitura do seu livro possa despertar, naquelas que a prevenção não cega e que formam sua opinião conforme o próprio julgamento, o desejo de procurar e a

esperança de encontrar a chave dos fenômenos erradamente considerados como sobrenaturais, porque são mal compreendidos.

As *Conversas Mesmerianas* formam um vol. in-8º (Brochura de 212 páginas) Preço 2 fr., *franco* para toda a França, 2 fr. 25.

Aviso

Para satisfazer ao desejo expresso por certo número de nossos assinantes, publicamos abaixo o modelo de subscrição das cartas a serem dirigidas à Sociedade Anônima. A forma seguinte nos pareceu preencher todas as condições desejáveis para garantir a chegada das correspondências ao destino e evitar qualquer designação pessoal.

À

Sociedade Anônima do Espiritismo

7, rue de Lille

Paris

Observação – Lembramos que, para reduzir os trâmites e perdas de tempo ao mínimo possível, os valores ou vales postais inseridos nas cartas dirigidas à Sociedade deverão ser feitos ao Sr. Bittard, encarregado especialmente dos recebimentos, sob a supervisão do comitê de administração da Sociedade.

Pelo Comitê de Administração

A. Desliens – *Secretário-Gerente*

